

Stadium

N.º 348
3 de Agosto de 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

A CORRIDA dos campeões



A longa caminhada que os ciclistas da XIV Volta empreenderam continua em grande animação.

Através das estradas de Portugal, nas cidades, nas aldeias, a «Volta» desperta entusiasmo e alegria.

Animosos e enérgicos, os ciclistas vencem os quilómetros — uma mancha alegre, nos tons garridos das suas camisolas, pequenas bandeiras, que são o significado do valor e da beleza desta prova de campeões.



O novo recorde de Fernando Madeira

e a actividade da semana

UM belo stempes do jovem internacional Fernando Esteves Madeira — 2 m. 30,4 s., aos 200 metros-livres — e que fica constituindo novo recorde de principiantes, marcou o melhor momento da terceira e última jornada dos Campeonatos Regionais de Natação. O anterior mínimo, pertença de Guilherme Patroni, estava em 2 m. 30,5 s., e datava de 4-8-46.

Nas restantes provas, as marcas alcançadas foram, de modo geral, vulgares. Anote-se, no entanto, em síntese, algumas provas bem disputadas, como os 100 metros-livres, juniores — pelo despique Luís do Carmo-Manuel Ricciardi — os 100 metros bruços, principiantes e a estafeta de 3x100 metros, estilos, iniciados, pelo duelo Algés-Estoril.

Franco do Vale averbou mais um título individual, Maria Luisa Araújo, Maria Fernanda Ferreira e Lucília Angeja, distinguiram-se nas suas especialidades.

E por hoje, apenas uma sugestão: agora que há a contar com mais uma categoria — a de infantis — que foram introduzidas as estafetas de «estilos» e as provas de «mariposas», parece-nos de estudar, para o ano, a divisão dos Regionais por quatro jornadas. E' pois, um problema — a estudar com tempo.

TUDO parece conjugar-se para que a VIII Pequena Travessia de Lisboa a nado, a disputar no próximo domingo, constitua assinalado êxito. O clube organizador, o simpático e prestante Sportivo de Pedrouços, a quem se deve, também, a realização das sete provas anteriores, não se tem poupado a esforços, pondo na organização da importante corrida — verdadeiro campeonato de fundo — todo o seu desejo de bem servir. A três dias do reatamento de uma tradição durante quinze anos interrompida, formulamos os mais sinceros votos para que a VIII Travessia corresponda inteiramente dos esforços desenvolvidos pelos seus activos organizadores.



João Franco do Vale e Lucília da Silva Angeja, vencedores na categoria de seniores, dos 400 metros-livres

O calendário marca também para o próximo domingo a realização do «Dia Náutico de Vila Franca de Xiras» — festival de larga referência na risonha vila ribatejana. Apenas de lamentar que a sua efectivação coincida com a importante prova lisboeta. Em todo o caso, deslocar-se-ão a Vila Franca alguns dos nossos melhores «iniciados». E a propaganda resultará por certo, eficiente.

A propósito de provas de rio e de mar, ocorre-nos perguntar: a importante corrida Caxias-Paço de Arcos não se realiza este ano?

RETRIBUINDO a visita de há cerca de mês e meio, o Sport Algés e Dafundo exibiu-se no domingo e ante-ontem em Sevilha. No momento em que tra-

çamos estas linhas, não conhecemos ainda os resultados obtidos nos referidos festivais luso-espanhóis. Mas não queremos deixar de assinalar o acontecimento, pelo que ele representa de valioso intercâmbio para os dois importantes clubes peninsulares.

ESTÁ em festa o prestante Clube Nacional de Natação pela passagem de mais um aniversário — o 30.º. Para assinalar tão festiva data, a popular colectividade da rua de S. Bento organizou um largo programa de comemorações que se começou a cumprir no pretérito domingo com um interessante festival de natação a que deram o seu concurso os representantes do Pedrouços, Belenenses e Sporting, e no qual se disputaram as taças «Fernando Leal» — justa homenagem a este antigo campeão e recordista de 100 metros-costas — e «30 anos do C. N. N.».

Do programa comemorativo do 30.º aniversário do Nacional faz parte o III «Dia Popular da Natacão», dotado com três valiosas taças e medalhas para os três primeiros de cada prova individual, e marcado para o próximo dia 14.

O desporto na F. N. A. T.



Coube à Educacion y Descanso oferecer a taça, que publicamos, para o organismo a que pertencesse o campeonato ibérico de futebol corporativo, título ganho pelo grupo Desportivo da Casa H. Vaullier. As outras taças relativas aos vencedores das provas foram oferecidas pelo F. N. A. T.

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

O facto talvez tivesse passado um tanto despercebido. Quanto a nós, porém, ele representa um agradável apontamento dos «Regionais» de natação recentemente disputados. Trata-se simplesmente do regresso do Clube Naval de Lisboa às competições oficiais. Para além da modestia das classificações obtidas, o pormenor tem alto significado. E vem confirmar na prática as intenções dos dirigentes da «velha» colectividade, há tempos arquivadas nestas colunas. Saudamos, por isso, o glorioso clube do Cais do Gás.

COIMBRA desportiva — aureolada por dois êxitos recentes: o Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão e o Campeonato Nacional de Basquetebol — prepara-se para organizar, nos próximos dias 20 e 21 do corrente, as provas máximas da natação portuguesa. Dispondo agora de uma excelente piscina municipal, tudo leva a crer que a natação volta a ocupar em Coimbra o lugar que já conhece. E que representantes da encantadora cidade do Mondego voltem a figurar na testa dos campeões e recordistas nacionais.

O mês de Agosto é para a natacão, como é natural, um mês em cheio. De facto de 7 a 28, o calendário marca nada menos de doze organizações.

No dia 1, o Algés e Dafundo realizou o seu segundo festival em Sevilha. No próximo domingo, dia 7, teremos três organizações: as duas provas de rio a que acima fizemos referência e uma exibição do Nacional de Natacão numa Colónia Balnear. A 11, a taça «Fernando Camarinhas». A 14, a taça «José Grifo» entre clubes, e o «Dia Popular». No dia 18, os Campeonatos Regionais Corporativos — uma organização da F. F. N. T. Nos dias 20 e 21, os Campeonatos Nacionais da F. P. N. A 26 e 28, duas organizações do C. N. N.: um festival entre sócios e a taça «Brigadeiro França Dória» entre clubes, respectivamente. E também a 28, os Campeonatos Nacionais Corporativos, a cargo da F. N. A. T.

E' pois, um mês de larga movimentação para os nadadores — e de excelente propaganda da modalidade.

ABREU TORRES



A equipa do Sport Algés e Dafundo vencedora dos 4x200 metros-livres, juniores

XIV VOLTA A PORTUGAL

em bicicleta

Pelas estradas fora os azes do pedal
vão animando, com seu esforço titânico,
a grande proeza desportiva

AO LADO — Gigantes da estrada, eis-los
pedalando indiferentes à linda paisagem
das estradas de Portugal. Neste
momento o pelotão é puxado por Fernando
Moreira em perseguição de
Alberto Coelho, Francisco Cerro e Val-
mijana, que haviam tentado uma
fuga na etapa Santarém-Setúbal



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Os corredores atravessam Benavente, bem embalados na caminhada para Santarém. — A caminho de Setúbal, eis os seis fugitivos que deram viva animação à etapa. — Rebelo, Zanazzi, Porcar e Duarte Patrício fugiram, a caminho de Loulé, acompanhando António Maria, que o instantâneo já não apanhou



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Em Santarém, o portuense Dias Santos entra na posse da «lentadora» camisola amarela. E' o sr. Joaquim Garcia, da Comissão de Festas da Cidade, que se desempenha dessa missão. — A caminho de Vila Real de Santo António, Manuel Barros, Joaquim Sá, Joaquim Costa, Dias Rocha, e Albano Coelho largaram o pelotão e em correria louca galgaram a estrada até Vila Real onde o louletano Manuel Barros conquistaria o seu segundo êxito. — Raul de Oliveira, em Loulé, veste a «camisola amarela» ao seu novo possuidor, António Maria, do Benfica. Xico Ferreira e Nicolau assistem e parecem impressionados...



A 'equipa do Sporting' que estabeleceu o novo recorde nacional da estafeta 4x1.500

PARA preencher o domingo que a falta do encontro Portugal-Espanha deixara vago, os organismos dirigentes do atletismo promoveram um torneio triangular, Sporting-Benfica-Colégio Militar, com classificação por equipas, um pentatlo para juniores e umas

ATLETISMO

O Sporting conquistou a Taça João Dinis

provas chamadas campeonato nacional feminino.

Embora no decurso das duas jornadas se hajam melhorado dois recordes nacionais de estafetas, é preciso reconhecer que nada daquilo resultou interessante e que o escassíssimo público que compareceu no estádio Alvalade demonstrou evanescência e incontestável dedicação pela modalidade.

O primeiro mal veiu do próprio programa, mal organizado; no domingo, por exemplo, após a estafeta 4x1500 metros assistiu-se sucessivamente a três lançamentos e um salto, ampenhados apenas pela corrida de 200 metros dos pentatloistas juniores, fraco espectáculo para animar os espectadores.

Segundo mal, profundamente lamentável, é o desinteresse da maioria dos atletas pelas compe-

nato. Neste torneio, onde os clubes eram obrigados a apresentar quatro homens por prova, o recurso a simples utilidades desvalorizou as competições; no dardo não apareceu um único autêntico especialista, quando oito dias antes viramos dois lançadores em excelente forma.

O torneio para disputa da taça João Dinis compreendia 5 estafetas: 4x100 e 4x400 metros para juniores; 4x200, 4x1500 metros estafeta sueca; os saltos em altura, comprimento e triplo; e os lançamentos do peso, disco e dardo. Nos concursos cada clube apresentava quatro representantes, dois seniores e dois juniores, sendo a classificação feita por adição de resultados.

A luta travou-se apenas entre Sporting e Benfica, pois o Colégio Militar, sem capacidade representativa para tal programa, desistiu a meio da segunda jornada, depois de alinhar apenas simbolicamente em duas estafetas.

O resultado final foi favorável aos sportinguistas por 68 p. a 63 do Benfica, que acabou a primeira jornada com 3 p. de vantagem.

Os «leões» ganharam: 4x100

tições que não sejam de campeões; 4x400 metros e 4x1500 metros; salto em comprimento e os três lançamentos, sendo as quatro restantes provas para o Benfica.

Dois resultados há de assinalar: no sábado o Benfica, com Matos Fernandes, Natal Santos, Eleutério e Calado, melhorou para 2 m. 4,1 s. o seu próprio recorde da estafeta sueca (400, 300, 200 e 100 metros); no domingo o Sporting apossou-se do recorde nacional da estafeta 4x1500 metros, fixando-o em 17 m. 29,6 s. (Pena da Silva, 4 m. 18 s.; Filipe Luís, 4 m. 28,6 s.; Afonso Marques, 4 m. 23 s.; Alves da Silva, 5 m. 20 s.). Esta equipa fez a prova praticamente contra-relógio, pois o adversário já tinha, ao cabo do primeiro percurso, sessenta metros de vantagem; a partida, pode fazer bastante melhor.

Do restante, apenas ligeiras citações: aos juniores sportinguistas vencedores das suas estafetas em tempos que se aproximam dos recordes; a Luis Alcide, p. los seus 14^m13 no triplo-salto; Octávio Costa, que transpôs 1,75 em altura e ao persistente Manuel da Silva pelos seus 41,23 com o disco, apontando-lhe porém o erro cometido, de se haver deixado ficar à torreira do sol, sentado ou deitado, mais de uma hora antes da sua prova. Absolutamente contraindicado; puma que o tenha feito e que lho hajam consentido.

O pentatlo para juniores, modestíssimo, vem, parece-nos, tarde demais na época; o vencedor, Ernesto Palha, do Sporting, somou 1.863 p. correspondentes a 25,7 s. nos 200 metros, 5 m. 7,6 s. nos



Na prova dos 200 metros para o Pentatlo Nacional de Juniores, Lemos Pereira, do Colégio Militar, conquista o primeiro lugar. Depois o bismarço Carlos Alberto Eduardo Pires do Sporting

João Rebelo

(Continuação da página 9)

conseguir. Até porque isso pode representar uma continha calada. E ele nunca é de mais embora se diga «não o levarás contigo»...

— A tarefa, porém, é difícil.

— Incontestavelmente. Estes diabos estão a andar muito e há muitos valores equilibrados. O Moreira não disse ainda a última palavra, o Lambertini é um grande corredor, os rapazes do F. C. do Porto afirmam qualidades e têm um conjunto poderoso...

«Simplesmente», nós, os do Benfica, temos ainda a nossa chance.

— Sente-se bem agora?

— Perfeitamente, no entanto, não pude começar com mais tempo a minha preparação. Mas não estou fadado.

— O Prémio da Montanha?

A conversa generaliza-se. Vários ciclistas do Benfica intervêm nela e, mais tarde, aparece no grupo a figura prestigiosa de José Maria Nicolau. Admiro o respeito que os rapazes lhe dedicam. Rebelo, demonstra-o em vários pormenores, tem particular estima pelo antigo campeão. Carinhosamente trata-o por «Ti Zé».

E o «Ti Zé» retribui-lhe a amizade.

Os ciclistas do Benfica, de resto, talvez com uma única excepção, vibram ainda com as proezas de Nicolau. Reconhecem, sem esforço, a sua personalidade bem vencedora.

O momento é de excelente camaradagem. No grupo faltam alguns rapazes que estão a cuidar das suas bicicletas e o José Martins. Na nossa presença, sem qualquer acanhamento, traçam-se planos. Nicolau, mapa de Portugal à frente, explica e apresenta sugestões.

Estamos no dia do descanso. A volta recomeçará no dia imediato. Há que assestar as baterias...

Que se terá passado desde então até hoje?

João Rebelo deu-nos o remate da entrevista:

— As consequências deste dia de fôlga são para mim um enigma. O repouso tanto pode fazer-me bem como mal. No entanto, espero que me fará bem. Como espero que a equipa saiba unir-se para a luta que se avizinha.

M. M.

Dias Santos

(Continuação da pág. 8)

misola amarela. Vi-o só. Olá! isto vai tocado. E, então, vá de carregar nos pedais. Mas eles andavam. Só os apanhei, ao Moreira de Sá, ao Império, ao Lambertini e ao Porcar a uns quinze quilómetros da chegada.

«O que se passou depois já sabe.

— De novo a *camisola amarela*.

— Pois. Larguei-a para o António Maria e dele a recebi de novo.

— E espera mantê-la?

— Sabe, é difícil responder a tal pergunta. A gente no ciclismo não pode fazer cálculos. Olhe o que se passou comigo.

— Sai de Setúbal um pouco despreocupado. Mas, confesso, nunca supuz que perdesse a *camisola amarela*. Não atacámos, desculpamo-nos e pronto — foi-se!

— Para voltar dias depois.

— E agora vou fazer o que me for possível para a conservar.

— Vai ser difícil. Tem de suar.

— Isso sei eu. Mas não tremo. E tou confiante, embora reconheça o valor dos adversários e dos próprios companheiros de equipas.

«Todavia, em obediência a um plano, vou colocar-me na defesa. Como diz o Zé Aniceto, quem quizer belota trepe.

1.500 metros, 6.^m01 em comprimento; o disco a 23.^m09 e o dardo a 22.^m71.

Quanto às provas femininas, noutra ocasião falaremos delas, em mais vigor; aparte Georgette Duarte, zero. Algumas marcas são indignas de figurar num «palmarés» nacional e é necessário obstar a que possam voltar a ser registadas.

SALAZAR CARREIRA

Dias Santos confessa, sem o menor esforço, sem sombra de relutância, que admira muito o Fernando Moreira e o Lambertini.

— O italiano é um grande ciclista. Mas o Fernando ainda está por ali...

Moreira, que assistia à conversa, não se conteve e interveio:

— A Volta ainda agora começou!

Continuo a falar com Dias Santos. O *camisola amarela* não esconde, seria difícil, a sua satisfação. Todo ele *ri...* Fala-me da sua carreira; da estreia como ciclista, aos 22 anos, ganhando uma prova de iniciados; da constante subida até chegar a independente; da passagem para o F. C. Porto, ido do Sporting; de Fernando Moreira, que já encontrou no clube.

E em todas as suas palavras Dias Santos põe sempre o seu feitio tão pessoal, tão diferente de muitos outros. Este moço irradia simpatia, todo ele é franqueza e à vontade.

Em Évora, onde a ganhou, voltará a vestir a linda, a sedutora, *camisola amarela*. Vai começar a segunda parte da prova. Dias Santos está sereno, tranquilo. Sente-se bem. Eis um triunfo que saberá aproveitar na altura própria. Quando os adversários atacarem e ele tiver de responder.

Alguns dias estão passados desde que falámos em Évora com Dias Santos. Pode ser que ainda seja hoje o *camisola amarela* — mas também pode ser que não seja...

Uma coisa, em qualquer das circunstâncias, será contudo certa: o esforço e valoroso corredor do F. C. Porto figurará, na Volta deste ano, como uma das suas principais «pedras».

Uma nova série de etapas DA XIV VOLTA A PORTUGAL

Após luta movimentada na descida para o Sul e no regresso, a "camisola amarela" passou de Bermudez para Dias Santos e António Maria, voltando para Dias Santos

A Volta a Portugal tem logrado este ano uma movimentação que talvez não estivesse nas perspectivas criadas antes da largada dos corredores, tão evidente parecia a vantagem individual de Fernando Moreira, e tão forte se apresentava a equipa do F. C. do Porto. Mas as coisas modificaram-se, felicitemente para melhor. E tem havido menos desequilíbrio — e mais animação. A «camisola amarela» tem ballado muito...

Proseguimos, pois, numa análise em síntese.

Lisboa-Santarem pouco deu em movimentação: marcha em conjunto até ao Cartaxo e, aproveitando o «balanço» para o prémio de Nicolau, uma descida que foi a primeira separação dos corredores com vista ao que havia a trepar do Vale de Santarem para Santarem. Os trepadores tiveram a palavra — e souberam disputar entre si a primazia nas galopadas até à meta. Fernando Moreira passou primeiro pela linha que a assinalava. Felix Bermudez queixou-se de engano. Em qualquer caso não chegaria aos primeiros.

A diferença de tempo entre os dois pilotos deu a Dias Santos possibilidade de alcançar a «camisola amarela», com o mesmo tempo de Valmitjano, a 1 m. 20 s. do «leader» destronado, média geral, 34,934 quilómetros.

De Santarem para Setúbal, a prova teve um começo fraco. Foi sacudida por um ataque vigoroso de Alberto Coelho (para passar à frente na região em que reside), imposto perto de Benavente, a que se associaram depois Valmitjana e Cerro; fuga emotiva de um grupo constituído por Chupin, Escolano e Bermudez; perseguição brilhante deste terceto até se agrupar com o primeiro; e «caça» valorosa do pelotão até alcançar os corredores que se salvaram no grupo dos seis. Houve, pois, de saliente, além do grupo espectacular de Alberto Coelho, a tentativa de desforra de Bermudez e perseguição movida pelo Porto em defesa de Dias Santos.

Bermudez foi depois vítima de uma queda que o deixou na estrada a receber tratamento. E o pelotão sobe moderar a cadência da marcha, a ver se ele regressava. A chegada fez-se por isso em pelotão numeroso. E Fernando Moreira ganhou ao «sprint», no Parque de Bonfim.

Média geral, 35,345. Bermudez desceu a terceiro.

A mais extensa de todas as etapas deste ano, entre Setúbal e Loulé, enchendo um dia de prova, encheu-a também de movimentação. E esta partiu do Benfica, à custa de dois homens — João Rebelo e António Maria. E começou cedo — a 20 quilómetros de Setúbal. A luta manteve-se, pois, em 283 quilómetros. Os dois corredores do Benfica saíram acompanhados de Zanazzi e Duarte Patrício, do Sporting, e Porcar, de Barcelona. A princípio manteve-se em ritmo de fuga com um pelotão desinteressado. A certa altura mudaram as perspectivas — luta individual entre os quatro homens da frente, com Duarte Patrício retardado por avaria grossa na máquina.

Zanazzi passou com António Maria em primeiro lugar no posto de abastecimento antes de Odeira; João Rebelo adiantou-se a Porcar; e o «pelotão» animou depois, sendo alcançado em Portimão por Joaquim Apolo, depois de uma perseguição valorosa. Zanazzi fraquejou no fim da etapa, já na estrada do litoral algarvio; e isso e um bocado de corrida em conjunto de António Maria e João Rebelo permitiram que a diferença, entre Zanazzi e António Maria fosse apenas de 2 m. 7 s. na meta. João Rebelo ficou mais longe, a 7 m. 36 s.

A etapa revelou duas coisas — o valor de Zanazzi e o valor da equipa do Benfica. Num só dia a mesma equipa passou de terceiro a primeiro. António Maria con-

quistou direito à «camisola amarela». E João Rebelo conseguiu manter-se à frente na classificação do Prémio da Montanha.

Média geral, para 303 quilómetros — 32,174 kms. — Serviram de prova cinco corredores.

De Loulé a Vila Real de Santo António foi pouco mais do que um passeio a boa velocidade, por estrada boa, num dia de sol brilhante e boa disposição. Para a maior velocidade dos corredores, que tornou possível a média horária de 38,361 kms., contribuiu uma fuga imposta, à segunda tentativa, por Manuel Barros, do Louletano, levando na sua roda Joaquim Sá, Joaquim Costa, Albano Coelho e Das Rocha. Este último não se aguentou agrupado até Vila Real. Mas os quatro lutaram em todo o resto do percurso, com vantagem para Manuel Barros, no galope para a meta... Rolandino Palmeiro tentou fugir ao «pelotão», mas não o conseguiu.

Com este resultado passou Joaquim Sá a quinto, na classificação geral.

De tarde, a prova não ofereceu nada de extraordinário, a não ser uma corrida fraca de Zanazzi, apenas 45.º em Tavira, e uma excelente recuperação de Felix Bermudez, sétimo na classificação da etapa, não obstante haver tido um «furo». Dias Santos ganhou bem, havendo uma diferença de 7 m. 3 s., entre o primeiro e o último, para uma extensão limitada a 25 quilómetros. A média horária,

para esta extensão, foi de 41,189. Deviam ser eliminados dois corredores, mas o júri, atendendo às condições em que foi disputada, permitiu que continuassem na corrida.

Entre Tavira e Evora, num percurso de 256 quilómetros, disputou-se a etapa que ficou sendo até agora, a mais brilhante, tanto sob o ponto de vista técnico, como pelo que teve de emotiva em grande parte do percurso, sobretudo na parte final do trajecto. Pela forma como se lançou ao ataque, e pelos resultados que colheu, o dia de quinta-feira pode considerar-se como sendo o «Dia do Porto». De Setúbal estiveram em destaque dois homens do Benfica; desta vez foi toda a equipa do Porto, com os seus sete corredores classificados até ao undécimo lugar na etapa. E conseguiu este resultado com um andamento que se traduziu à entrada do campo de Sanches Mirandas, do Juventude, em 33,740 quilómetros de média horária. O espanhol Porcar obteve a melhor classificação em etapas.

Dias Santos voltou à posse da «camisola amarela» a 1 m. 36 s. de Joaquim de Sá, e 1 m. 30 s. de João Rebelo, do Benfica, que desceu a quarto; e a equipa do Porto ficou a 18 m. 53 s. do Benfica, João Rebelo continuou, porém, a estar à frente do Prémio da Montanha, com um total de 14 pontos.

A etapa de quinta-feira, sendo a mais brilhante, foi, em resumo de arrazar. O percurso era difícil, houve muita poeira e disputou-se com temperatura elevada, Zanazzi desistiu um tanto ou quanto inesperadamente. E Chupin distinguiu por causa de uma queda na descida da Serra do Caldeirão,

Entre Elvas e Castelo Branco a prova mudou de perspectiva, em mais de um aspecto. O Sol causticou completamente, na zona que é, habitualmente, a mais quente do País — e o perfil começou a ser mais acidentado no final da etapa, na transição do Alto Alentejo para a Beira Baixa, rica já de recortes em serras.

A tirada dividiu-se, por isso, em duas de características absolutamente opostas — preocupação quase afiliva de água na primeira parte, com uma paragem de 15 minutos em Portalegre, para todos os corredores se desdeditarem à vontade; e luta vigorosa na segunda parte da corrida, tentada primeiro por Oloffe Tavares, com Duarte Patrício, e repetida depois em maior escala, e com êxito brilhante, por Fazzio, acompanhado mais tarde por Joaquim Apolo, Vidal Porcar e Felix Bermudez, levando na roda Joaquim Sá, a procurar aproximar-se de Dias Santos e porventura ultrapassá-lo, para se aposar da «camisola amarela», ficando, no entanto, no mesmo clube.

A parte final foi emotiva e brilhante, com relevo para Fazzio e Joaquim Apolo, juntos até à meta, com vantagem derradeira para este, no «sprint».

Média geral — 28,950 quilómetros.



Em perseguição aos fugitivos — na estrada má, a caminho de Evora

Stadium

na capital do Norte

O F. C. do Porto
em Angola

ATÉ a hora em que escrevemos, efectuou o F. C. do Porto, em Luanda e Lubango (Sá da Bandeira) dois desafios de futebol. GANHOU o primeiro por 10-2, contra a sua filial de Luanda, e por 8-2 à equipa representativa de Lubango.

Não podemos dizer se estas duas vitórias se apresentam ou não valorizadas pela categoria dos adversários. Mas importa registar

UMA derrota

É preciso suportá-las a pé firme. O mais dignamente possível, colhendo delas os ensinamentos necessários. Na última época embaldramos em arco, felicitando com entusiasmo os vencedores dos campeonatos nacionais de basquetebol — que todos eram do Porto. O Vasco da Gama, com o Fluvial no segundo lugar, o F. C. do Porto, titular da 2.ª Divisão e o Académico da 3.ª, e ainda o próprio Ferroviários, campeão nacional corporativo, trouxeram à capital nortenha uma aureola de prestígio que ninguém pôde rebater. As vitórias, ainda para mais, apareceram após luta contra todos os pretendentes...

Este ano, não aconteceu assim. Nenhum título da Federação ficou no Porto. O basquetebol portuense, a despeito das suas tentativas, aparentemente facilitadas, tomou irremediavelmente vencido dentro dos seus próprios muros. Não podem invocar-se razões especiais. Perdemos sem apelo nem agravo, e resta agora aos vencidos preparar a desforra, que é como quem diz: — subir de novo o caminho agora perdido.

No desporto devem aceitar-se com dignidade estas «caramuças», os golpes da fortuna e do azar. Nem pode admitir-se que se passem as coisas de inversa maneira. Assim, aceite-se a derrota, o desafio, que o basquetebol se valorizará mais ainda. O basquetebol e os homens que o dirigem. Se fossemos alguém no seu comando, diríamos nesta altura:

— Para nos bater verdadeiramente, hão-de «convencer-nos para o ano!

Curiosidades . . .

A Comissão Central de Árbitros de andebol suspendeu o juiz de campo da modalidade, Edgard Fernandes. Nem achamos bem, nem mal. Anotamos simplesmente que talvez houvesse motivo para estender esse rigorismo até mais além...

Está provado que a visita do F. C. do Porto à África tem sido rodeada de verdadeiro êxito desportivo. Os angolanos, e especialmente a filial de Luanda, não se cansam nas suas homenagens à equipa e seus acompanhantes.

Também se sabe que o campeão do Norte, como prova do seu reconhecimento, entregará ao F. C. de Luanda uma artística e valiosa caravela de ouro, um admirável galhardete e uma placa com o distintivo do clube.

Há vários segredos, quanto a transferências. Sabemos de fonte segura que alguns nomes sairão desta cidade; mas também que se aguardam alguns reforços. Um deles causará surpresa, por inesperado...

O jogador Faria foi dispensado pelo Sporting de Braga. Diz-se, porém, que não regressará ao F. C. do Porto.

Estará destinada ao atletismo a mesma queda da natação? As provas do campeonato regional de seniores indicam-nos isso mesmo. Simplesmente lamentável.

Os clubes portuenses estão a fazer os maiores sacrifícios, principalmente aqueles que se dedicam a alguma coisa mais que o futebol. Se há secções que dão rendimento financeiro, a outras acontece o contrário. Seria justa alguma compensação por parte de quem de direito.

Os clubes e desportistas portuenses mantem-se na expectativa quanto a deligências ultimamente produzidas junto da Federação de Futebol. Aguardam muitos que os campeonatos regionais voltem a ser disputados...

Discute-se, até com estranho calor, em determinados sectores, a inclusão de estrangeiros nas equipas de ciclismo. Mas há muitos anos que isso acontece. Longo Luis, Max André, Custódio dos Reis — no Sporting; Driss, Djilalli, na Iluminante e no Académico — não provocaram este movimento...

Não deve esquecer-se, também, que esquecem muitos o «auxílio» que os estrangeiros prestam, mesmo aos grupos que os não tem. Alguns provocam ofensivas de categoria, ofensivas de verdadeira «Volta», e na sua roda seguem muitos atletas nacionais. Que vencem ou progridem na escala da classificação.

Agora nos anuncia Alfredo Trindade, por exemplo, que o Sporting procurará auxiliar o Benfica na luta contra o F. C. do Porto. E com quem conta Alfredo Trindade? Com Mário Fuzzio... Nós achamos muitíssimo bem — porque demos e damos o nosso acordo à inclusão de homens que trabalhem para melhorar os conjuntos velocipédicos nacionais.

Vamos ter uma piscina! Não se alegrem demasiadamente os leitores. Trata-se de um belo tanque na Avenida da Boavista, à Fonte da Moura, propriedade da Fábrica de Sedas «Aviz». A A. P. N. vai explorá-la, e à falta de melhor — encantados!



Dr. Cesário Bonito, prestigiado desportista portuense, que acompanhou a equipa a Angola

a maneira agradabilíssima como os campeões nortenhos têm sido recebidos naquela nossa província ultramarina.

Em Sá da Bandeira, os desportistas portuenses manifestaram-se uma vez mais gratos por todas as atenções recebidas. Os srs. dr. Cesário Bonito e Delfim Pinto da Costa, dirigentes do F. C. P., que chefiaram a delegação portuense, enviaram de bordo do avião para a «Lusitânia», o seguinte telegrama: «Profundamente emocionados com a carinhosa recepção que nos dispensaram os desportistas de Sá da Bandeira, sentimos que o Futebol Clube do Porto está a cumprir inteiramente a sua missão de confraternização desportiva. Todos nos sentimos suficientemente recompensados com as palavras elogiosas que todos os jornais nos tem dedicado. Clientes e agradecidos à agência noticiosa «Lusitânia» pela maneira como nos tem acompanhado, queremos expressar-lhe as nossas felicitações e o nosso obrigado e, pedir-lhe que seja interpretado junto dos Jornais da Metrópole das nossas mais efusivas saudações».

Esta deslocação do dr. Cesário Bonito revela com suficiência e agrado da caravana portuense.

Regressaram os portuenses a Luanda, utilizando o mesmo avião que os transportou para Sá da Bandeira. Foram homenageados pelos desportistas e autoridades. Nenhum desportista escondeu a sua emoção. No último domingo jogaram ainda em Angola, e não conhecemos ao fechar esta crónica o resultado obtido.



Alberto Augusto — Treinador do campeão nortenho

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00



A caravana benfiquista fotografada após a sua chegada ao Funchal, na companhia dos dirigentes e jornalistas que a aguardava



Francisco Ferreira e Abreu abraçam-se antes do primeiro encontro que o Benfica realizou na Madeira, contra o Nacional

O BENFICA regressou da MADEIRA

onde viveu uma jornada repleta de emoções e deixou sólidas amizades que dignificam o desporto



EM CIMA — Os avançados do C. D. Nacional procuraram a vitória com afinho, tentando vencer a barreira da defesa benfiquista. EM BAIXO — Felix alivia o seu meio campo, no jogo em que o Benfica venceu o Marítimo

REGRESSOU já do Funchal, onde lhe foi prestada carinhosa recepção, a equipa de «honra» do Benfica, vencedora da «Taça de Portugal de 1949», que ali foi a convite dos dois principais clubes madeirenses — Nacional e Marítimo — realizar três encontros de futebol.

Estes, despertaram um interesse de tal ordem na Pérola do Atlântico — a popularidade do Benfica a falar alto — que o Estádio dos Barreiros bateu o recorde de todas as receitas e os aficionados madeirenses tiveram horas de extraordinária exaltação clubista.

No capítulo desportivo, os benfiquistas regressaram algo desiludidos, não pelos resultados que obtiveram — empate a uma bola com o Nacional e vitória e derrota

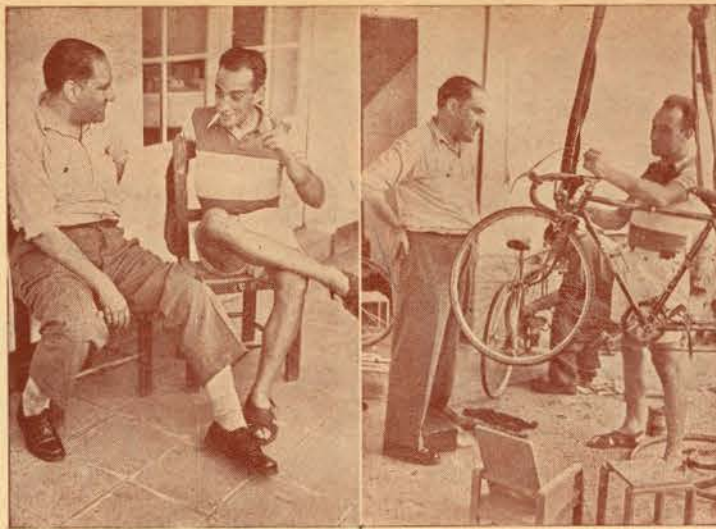
com o marítimo (3-2 e 2-4) — mas porque viram as suas exhibições algo prejudicadas pelas arbitragens dos srs. Luciano de Sousa, Luis Câmara e Nuno de Sousa, que revelaram, na verdade, sobretudo os dois primeiros, poucos conhecimentos e muito de bairrismo para o desempenho das missões de que os incumbiram.

Entretanto, do ponto de vista cavalheiresco e amizade desportiva, todos os componentes da embaixada do Benfica, chefiada pelo sr. Francisco Retorta, vice-presidente do popular clube, tecem louvores aos dirigentes do Nacional e do Marítimo, incansáveis de esforços para que os continentais regressassem com as mais gratas impressões.

(Continua na pág. 15)



Elisiário, o segundo guarda-redes que o Marítimo fez alinhar contra o Benfica, opõe-se com êxito a uma tentativa dos avançados «encarnados»



A' DIREITA — Dias Santos atende aos mais pequenos detalhes. Mannel Moita observa. A' ESQUERDA — Dias Santos é um rapaz muito jovem, alegre e comunicativo. Fala com Manuel Moita com certa jovialidade

EM EVORA

DIAS SANTOS falou à «Stadium»

(Entrevista de Manuel Moita)

A *camisola amarela* vale como um símbolo. Designa o melhor da volta. Todos a cobriam — pela honra e proveito que a sua posse constitui... A honra de ser o «leader»; o proveito que corresponde ao chorudo prémio do primeiro lugar. 15 contos — é dinheiro... Evidentemente que lá fora se ganha mais e às vezes, com menor esforço. Tudo, porém, é relativo na vida — e no ciclismo...

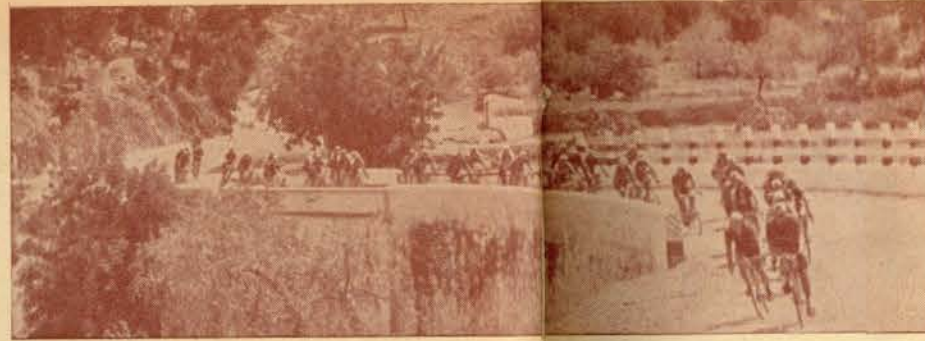
Na volta deste ano a *camisola amarela* tem andado às voltas, conhecido vários corpos, acariciada por várias mãos. António Dias Santos é o seu detentor em Évora — onde escrevemos este artigo... o bravo corredor do F. C. Porto encara o caso com o maior optimismo. Sente-se satisfeito. A perspectiva é animadora... Mas não assume aspectos teatrais, mantém-se simples, despreocupado, como bom rapaz que é. Rapaz de feitio alegre e folgazão, vivo e desenvolvido. *Camisola amarela* em Santarém, perdeu-a em Loulé, depois de uma etapa em que a passividade dos seus companheiros de equipa surpreendeu. Recuperou-a em Évora, depois de uma corrida brilhante.

— Tinha ficado para trás a beber água quando a ofensiva começou. Apanhado desprevenido fiquei-me. Depois, prossegui, quando me apareceu o

(Continua na página 4)



No pátio do hotel, no dia que havia de ser de repouso absoluto, Dias Santos trata carinhosamente da sua máquina



O «pelotão» segue em boa marcha, na etapa de Évora antes de ter encontrado a má estrada

Alguns aspectos da 12.ª etapa TAVIRA-ÉVORA



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Império dos Santos, José Martins e João Rebelo. — Lambertini, Moreira e Porcar na fuga da etapa para Évora. — Dias Santos que pela 2.ª vez vestiu a «camisola amarela», com o vencedor da etapa de Évora, Moreira de Sá



Em plena Serra do Caldeirão, a caminho do Prémio da Montanha



A família benfiquense dá-se bem. Há camaradagem

No dia do descanso, no Alentejo

João Rebelo

A esperança do Benfica
para ganhar a Volta

(por MANUEL MOTA)

A Volta a Portugal é um «veículo» de nomes famosos no desporto, os homens que conseguem impor-se na grande competição, tornam-se rapidamente conhecidos e admirados.

E são muitos os casos em que a sua celebridade perdura, resistindo à acção desgastadora do tempo. Basta que se trate de nomes que marcam épocas — Nicolau, Trindade, «Faisca»... As gerações sucedem-se umas às outras, e eles vão ficando, sem que o pó dos tempos consiga cobri-los e lança-los no esquecimento...

João Rebelo é um nome famoso no nosso desporto. O robusto ciclista do Benfica chegou a Évora, depois de ter colaborado numa das fugas mais emocionantes da prova, numa posição magnífica. Este rapaz, que há anos esperta a oportunidade de vencer a corrida mais falada e mais popular, encontra-se em situação esplêndida. Poucos segundos o separam do «leader» e, assim, todas as esperanças lhe são possíveis.

Évora acolheu nos seus muros vetustos, durante um dia inteiro, os corredores da Volta a Portugal. Os velhos braços esculpidos nas frontarias de casas senhoriais admiraram os gigantes da estrada... os velhos monumentos da cidade-museu viram passar, com certa surpresa, os estradistas de pernas ao leu e rostos tisonados do sol...

Foi num edifício histórico, o antigo Palácio da Inquisição, agora hotel, que recolhemos algumas declarações de João Rebelo. Demos com ele a lamentar-se dos efeitos do calor. Estava tal como veio ao Mundo — e no entanto gotjava suor... De facto, em Évora, fez no dia de repouso um



O «grande» Nicolau observa Rebelo, enquanto este concerta a máquina. Nicolau não abandona os rapazes um só momento



Nicolau mostra o album das suas glórias, e todos estão muito interessados, e Rebelo mais que todos

calor tórrido. De dia a população refugiou-se em casa; só à noite apareceu.

— Então, Rebelo, a Volta a Portugal?

— Vai bem. Já não tenho a vida a andar para trás. Agora é uma questão de oportunidade e de sorte. Que no ciclismo a sorte é importante parcela da nossa actividade. Ai do corredor perseguido pela fatalidade. Tudo lhe sucede mal. São os furos na pior altura, os trambulhões, os lapsos de classificação...

— Mas, apesar de tudo, o Rebelo confia...

— Sim, por que não dizê-lo! Chegar ao fim da Volta com a *camisola amarela* é uma das minhas aspirações. Não o desespero de o

(Continua na pág. 4)

PITTA *Castelejo* APRESENTA *Gregório* QUE CEDO ABANDONOU O FUTEBOL 3 CLUBES-3 CAPITULOS

CAPÍTULO III

O último clube: o ATLÉTICO

A primeira, a aceder às propostas que lhe foram feitas pelo Estoril Praia; a segunda, ingressar no nável Atlético Clube de Portugal.

Após uma conversa com o conhecido dirigente sr. Paiva e Silva, todos os seus projectos rumaram para um único objectivo: Alcântara.

O simpático clube que resultara da fusão do Carcavelinhos e União Lisboa, passaria a contar, com um excelente reforço, na melhor altura, isto é, quando a sua presença nos campeonatos fosse um facto.

Na época de 1942-43, aos 11 dias do mês de Outubro de 1942, o ex-sportinguista, alinhava pelo grupo alcantarense, com grande contentamento dos aficionados bairristas que, particularmente, souberam distinguir Gregório com uma manifestação ruidosa e comunicativa.

O aprumo, dedicação e espírito de sacrifício revelado na defesa das outras camisolas, manteve-os de forma categórica, mais uma vez, numa demonstração pujante de que acima das inclinações partidárias, deve pairar o brio, o desportivismo, a noção dos deveres e das responsabilidades que enobrecem os verdadeiros atletas praticantes, impondo-os pelas suas bellissimas qualidades à consideração e respeito não só dos amigos como dos próprios adversários.

Jogando por prazer, sentindo predilecção especial pelo futebol, entregava-se com alegria à luta, azougado, irreverente, caprichoso em dominar, em submeter à peri-

cia do seu comando, a bola feiticeira que desde os verdes anos, — que saudades dos desafios nas ruas! — constituía o seu mais grato entretenimento.

A mesma constância e fé, o animavam em cada dia que passava, procurando sempre bem servir o clube. Contrário à cristalização, repudiando a apatia, trabalhando estremamente para que o seu conceito não decrescesse, Gregório foi subindo na escala de mérito, a golpes de valor, tendo atingido a posição que almejava: ser um excelente jogador, um jogador superior à vulgaridade, um «aze» da bola.

Com uma facilidade de adaptação rara, ocupou na equipa alcantarense, em jogos oficiais, todos os lugares, excepto o de guarda-redes!

Deve afirmar-se, em abono da verdade, que em todos eles cumpriu, não «emperrando» a toada da equipa. Em consequência da sua foga e da prontidão com que aquiescia a alinhar no lugar que lhe era indicado, começou a ser conhecido entre os companheiros *«pelo tapa remenos»*.

Teve a sua época de fulguração quando empareceirou com os irmãos Lopes (o José e o Francisco), formando uma linha intermediária que se celebrou pela regularidade, consistência e elevado valor, sendo um regalo para o espectador puro, a actuação destes três primorosos atletas, que chegaram a ser conhecidos pelos *«três mosqueteiros»*.

Recordar, é sem dúvida, voltar a viver!

Não podendo vencer a tentação de meter golos, muitos conseguiu, jogando na linha medular. Só numa época, averbou sete à sua conta!

Durante cinco temporadas

ocupou o cargo de capitão da equipa principal, com aplauso geral dos directores e dos camaradas, que prontamente lhe acatavam os conselhos e seguiam, sem hesitações, o seu exemplo de dedicação e entusiasmo constante, durante os noventa minutos regulamentares.

Como prova da sua perseverança e fé, recordemos aquele jogo travado no Campo da Tapadinha entre os donos da casa e a robusta equipa do Sporting da Covilhã em que Gregório actuava a defesa-esquerdo.

Empatadas as equipas a duas bolas, no termo do encontro, houve necessidade de recorrer ao prolongamento, confiado em que a sua boa estrela o não abandonaria, Gregório mudou para avançado-centro e de tal forma agiu que os tentos que marcou, decidiram a luta a favor dos campeões alcantarense!

Tal qual como se revelara óptimo elemento a médio-centro pelo antigo sistema e a terceiro defesa na nova tática, a avançado-centro, primeiro e mais tarde a interior-esquerdo, o seu valor manteve-se sem mácula. Era um perigo constante para a defesa adversária que tinha que se empregar a fundo para o «esgarar».

Ocupando um lugar propício para alvejar as balizas, dos seus pés partiam «tiros», sem conto que atingiram as malhas, decidindo a sorte do prélio.

Não podemos dizer-vos o número de golos que este magnífico jogador marcou, mas é indispensável que se cite que num campeonato de Lisboa se colocou à frente dos marcadores, ao lado de Peyroteo, ambos com 11. Todavia maior mérito adveio para a proeza do alcantarense que alinhou em menos desafios do que o atleta «leonino» e nem sempre a avançado-centro. Daí a sua média ser superior à do prestigioso adversário!

Enquanto lhe coube a tarefa de sustentar a progressão dos avançados contrários, não esquecendo que lhe competia «alimentar» a sua linha dianteira — fala-se de uma forma geral, para não permenorizarmos a acção que estava atribuída ao médio-centro e a que ora impende sobre o terceiro defesa), foram Rogério, do Benfica, e Peyroteo, do Sporting, os homens que mais dores de cabeça lhe deram. Um e outro, eram simplesmente desconcertantes...

Mudada a sua posição, na equipa, mormente quando ocupou o eixo do ataque, entre tantos e tantos bons jogadores que defrontou, dois se impuseram pela «dificul-



Gregório com a camisola do Atlético vai «passar»...

dade» que representavam: Manuel Marques, o popular *Manecas* e Feliciano, uma das torres de Belém.

Qualquer deles era para mim um *«caso sério»*, — afirmou-nos convicto Gregório.

Entre as várias centenas de jogadores com que conviveu, o nosso «rapaz» soube criar amizades pela forma sincera e afável com que sempre se conduziu, estreitando laços de forte estima, entre a vastíssima família desportiva, incluindo praticantes, dirigentes e simples aficionados.

Faz sempre vida metódica, como convem a um atleta que se preza. Por volta das 21 horas estava na cama, em qualquer dia da semana, não o tendo tentado nunca, os diversos convites de amigos e colegas para «paródias», às segundas, terças... e sextas-feiras.

Durante o defeso, descansou na Costa, mas sem esquecer a preparação física. Da parte da manhã fazia ginástica, corria no areal, dava uns pontapés... A tarde, por volta das 18 horas, dirigia-se, sozinho, para o campo de jogos da Trafaria Futebol Clube e, enamorado da bola, não a largava durante uma hora...

A sua longa carreira deixou-lhe um rosário de recordações: umas jubilosas, outras amaríssimas.

Se de todos elas vos dessemos conhecimento, muito haveria que escrever. Limitamo-nos, portanto, a citar duas das mais vivas lembranças que são companheiras fiéis de Gregório.

A pungente, aquela que o faz cismar e entristecer, reporta-se ao célebre jogo que perdeu por 11-0, com os campeões nortenhos, no Estádio do Lima. Resultado «histórico» e incompreensível, pela apatia manifestada pela turma lisboeta...

Grata, alacre, a do jogo contra o Sporting, em Outubro de 1945, na qual o Atlético derrotou os «leões» por 3-2. Os três tentos do vencedor foram obtidos por Gregório, no lugar de avançado-centro. Desses golos, o primeiro não o esquecerá jamais, porque «fintou» Manuel Marques e Azevedo, atirando à vontade e pela certa...

Em representação da capital, foi seleccionado para o Lisboa-Evora, na equipa B, tendo



A camisola da cidade de Lisboa cobre o tronco de Gregório... Que esplêndido friso de «ases»...

(Continua na página 15)

O ESTILO dos atletas americanos

ANALISADO E COMENTADO

pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil
palavras. — Confúcio)

III — Heintzman, saltador em altura

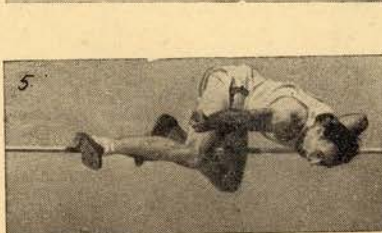
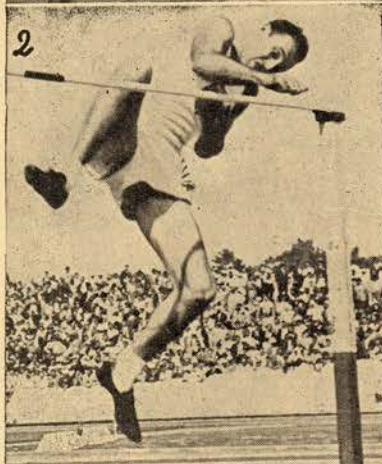
Transpôs em Lisboa 2 metros, ao primeiro ensaio; o seu melhor resultado é de 2,01.

Usa estilo pessoal, hetero-doxo, que se não pode apresentar como exemplo, mas do qual podem extrair-se alguns pormenores vantajosos e aplicáveis a qualquer estilo. Tais como: *Corrida preparatória* — bastante longa e de velocidade progressivamente crescente; parte e mantém-se durante a primeira parte do percurso com o tronco em flexão anterior, braços oscilando à frente do plano da bacia. A cinco passos do ponto de chamada inicia o levantamento do tronco, preparando e antecedendo o impulso ascensional. A corrida é feita quase paralelamente à barra e dando-lhe a esquerda, que é o lado da perna de chamada.

Fig. 1 — Chamada: perna de impulso, a exterior, em extensão completa, descola pela ponta do pé; a perna livre (direita) é atirada de joelho para cima, flitido em ângulo recto; os braços pucham ambos o tronco para cima e para a barra, que o saltador fixa com o olhar; o tronco inclina-se logo para a esquerda, para cima da barra.

Fig. 2 — Ataque da barra: o braço direito é o primeiro a cruzar o plano da barra, puchando pela cintura escapular e, conseqüentemente, pela cabeça; note-se que o braço esquerdo deixou de agir e a perna de chamada vem pendente e em atrazo, ao passo que o joelho direito (perna livre) pucha pela coxa e pela bacia, horizontalizando o tronco.

Fig. 3 — O braço direito mergulhou além



da barra; o esquerdo recuou; o joelho direito avançou já por cima da barra, precedendo a bacia, como o braço precede o tronco; a perna esquerda deixa-se arrastar. Em consequência: o saltador fica de face para a barra, corpo horizontal e rodado de 180° em relação ao sentido da corrida (cabeça voltada para o lado de onde vem).

Fig. 4 — A cabeça já passou a barra, precedendo o tronco. A perna direita iniciou a descida e a esquerda completa a subida, a barra entre ambas, de forma que o saltador fica escarranchado, em posição ventral, sobre a barra, como...

Fig. 5 — Vértice do salto: ... se vê nesta imagem, a partir de cujo momento o saltador vai preparar a queda;

Fig. 6 — Libertação da perna de chamada: o saltador lança uma chicotada enérgica da perna esquerda, para traz e para cima, com a qual completa o rolamento sobre a barra. Esta chicotada é tão violenta que...

Fig. 7 — Queda: ... o saltador cai na caixa sobre o dorso.

Em resumo: o salto de Heintzman é uma variante pessoal do rolamento facial de Steers, com incidência de balanço muito oblíqua, pirotamento de 180° tomando o braço e ombro direitos por fulcro e o rolamento de 360° desde a chamada à queda.

Crítério de organização

A Volta a Portugal em bicicleta não teve boa imprensa em relação ao critério dos organizadores no julgamento de certos pormenores regulamentares.

O próprio director da corrida, o nosso prezado camarada Raul de Oliveira, se afastou em determinado ponto das suas funções, reconhecendo a impossibilidade de as cumprir conforme lho ditava a sua consciência; e declarou que a prova se ressentia de haver sido sacrificado o interesse desportivo ao interesse administrativo.

Concretizemos: pela necessidade de fazer receita nas chegadas, procurou-se estabelecer-las em recintos fechados ou vedados e antecidadas de circuito em algumas voltas, que constituísse espectáculo atraente. Muito acertadamente, tal como é feito noutros países em circunstâncias idênticas, os organizadores decidiram que a tomada oficial do tempo de prova se efectuasse à entrada do campo ou recinto, local do circuito. Este serviria depois para a classificação.

Até aqui tudo muito certo; mas, na realidade, os responsáveis falharam tècnicamente porque — succedeu assim em Lisboa — proclamaram vencedor da tirada o homem que primeiro passou no ponto de tomada do tempo e «vencedor do prémio» aquele que corrou em primeiro a meta, após as cinco voltas à pista.

Esta dualidade é intolerável; e, pior ainda, que no dia seguinte, em Setúbal, se pretendesse classificar exactamente ao contrário.

A Federação e as Associações filiadas elaboraram o regulamento que, pela categoria dos organismos em questão, era lícito supór tècnicamente perfeito. Afinal... além do que dissemos houve ainda a embruhada de Espinho, confusão em Aveiro, reclamações do publico nas Caldas, etc., etc.

Ficam do exemplo deste ano muitos ensinamentos proveitosos e que um bom critério teria dispensado: não se começa uma prova como a Volta com dois troços consecutivos contra-relógio, nem é do nosso tempo disputar tiradas do género em percursos insignificantes de 25 quilómetros; não se partem ao meio etapas de cento e poucos quilómetros com neutralizações de quarto de hora, mesmo que seja necessário fazer receita.

A Volta é desporto e o desporto tem leis severas a que é impossível fugir.

Fernando Moreira

aguardava em Évora no momento decisivo

(por Manuel Mota)

O portuense Fernando Moreira, vencedor da 13.ª volta, saiu do Porto com a camisola amarela — e na posição de incontestado favorito.

Desapossado do primeiro lugar da classificação geral, Moreira manteve-se, do mesmo modo, favorito da prova. E era essa a situação em Évora, no dia do primeiro repouso — bem merecido, acrescente-se.

Não há dúvida de que Moreira pode ganhar a grande prova. Na etapa de Évora, o famoso estradista conquistou lugares e aproximou-se do «guia». Na tirada de Elvas, penosa como poucas, devido ao calor — inenunciável a partida às 15 horas, dizemos como comentário de passagem... — Fernando Moreira foi o vencedor após ter colaborado numa fuga principiada em Arraiolos. Vencedor, digamos, brilhante. Apesar da canícula a média dos fugitivos atingiu nesta etapa 33,4181 Admirável.

Conversámos com Fernando Moreira em Évora, no pátio da pensão Eborense. Rodeado de vários companheiros de equipa, o celebre corredor da Volta a Marrocos e de outras competições — Lisboa-Porto, Porto-Lisboa, prova de 9 de Julho no Brasil — mostrava-se reservado, mas não preocupado.



Fernando Moreira atende um pedido de autógrafa



O campeão Fernando Moreira troca impressões com o jornalista Manuel Mota — São dois velhos amigos e dão-se bem

Admita que a prova estava a ser muito dura e muito bem disputada. E, sem o dizer abertamente, recusava-se a aceitar a sua posição como definitiva.

— A Volta está no começo!

Embora disputada mais de metade da corrida a observação de Moreira era compreensível, depois de se assistir à fuga dos portuenses na etapa terminada em Évora. Moreira colaborava nessa fuga e só não chegara com os primeiros devido a um furo a

poucos quilómetros da cidade-museu.

Todavia, Moreira foi sincero, franco, quando nos disse:

— Reconheço que estou a marchar menos. Em boas condições os «furos» não me teria feito perder tanto tempo. Julgo, mesmo, que conseguiria recolar, embora ficasse isolado e tivesse sido muito grande o esforço anterior.

Fernando Moreira foi ele próprio nestas declarações singelas e significativas.

A conversa continuou no tom despreocupado em que se mantinha, sem gesto de entrevista. O grande corredor afirmou-nos, ainda, que nada estava perdido para ele. Tratava-se de esperar o momento para jogar a cartada decisiva. Compreendemo-lo. A tirada seguinte veio esclarecer melhor ainda o plano de acção do portuense. Há que contar com ele.

M. M.

Aspectos da Volta

Na «Volta» e em geral nas corridas ciclistas, às mesmas causas não correspondem sempre os mesmos efeitos... Das Caldas para Lisboa, Guilherme Jacinto, que vinha em segundo lugar, a um «furo» sofrido pelo valoroso corredor do Benfica, respondeu logo um «ataque» de trovoadas... Foi um «salto» de quem puder.

Dias depois, o mesmo corredor, tendo descido de lugar na classificação, teve vários «furos». E ninguém se importou com isso.

O valor de um «furo» depende do perigo que o corredor oferece na prova ou na «Volta». As consequências de um azar variam de harmonia com as circunstâncias de momento...

Grande nau — grande tormenta...

A liberdade de iniciativa de um corredor varia também conforme a posição na situação que ocupa na sua equipa. Na etapa de Santarém para Setúbal, Valmiljana podia ter concorrido para que a fuga se mantivesse por mais tempo, podendo até vencer na etapa. Mas não oferecia sentido que ele cooperasse numa fuga que podia servir

aceitou a situação que se lhe surgiu. Noutras condições, poderia aspirar a ganhar a etapa.

Entre o Porto e as outras equipas tem havido até à altura destes comentários, uma diferença de poder — os outros clu-

bes têm atacado com base no esforço de um ou outro corredor. O Porto ataca em globo... Por isso quando passa ao ataque é um caso sério, para os adversários.

É de certo vulgar ver um corredor ou um clube dispender um esforço generoso cujos benefícios vão para outrem. Na etapa Santarém-Setúbal, Felix Bermudez fez um esforço considerável para voltar à frente da prova. Quando tudo parecia correr-lhe pelo melhor — sucedeu-lhe o pior — uma queda, especialmente grave por ter caído sobre uma das chavetas da máquina.

Se pudesse adivinhar o que lhe aconteceu, preferia com certeza ir no «pelotão». Há um ditado que se pode aplicar: vale mais um pássaro na mão, que dois a voar...

A descida sobre o resultado de uma fuga limitada, por vezes, o o poder de iniciativa.

Na estrada, aparecem com frequência casos de camaradagem que são dignos de realce — e um dos mais curiosos é a «neutralização» que eles combinaram entre si para atender a qualquer necessidade. E o outro é o de distribuírem água e alimentos pelos companheiros que vão perto.

para destronar Dias Santos no posto de honra. Teve por isso de ser chamada a sua atenção. Mas

O F. C. do Porto campeão nacional de andebol



O grupo do F. C. do Porto, que vencendo o Sporting por 9-3, conquistou o Campeonato Nacional de andebol — título que o clube conquistou pela oitava vez consecutiva



O Sporting apresenta-se em Götborg como nas outras cidades da Suécia, transportando a bandeira dos dois países. E fazem-no com evidente alegria

O SPORTING ganhou o último jogo na Suécia

A selecção de Götborg foi vencida por 3-2

(Especial para «Stadlum», por FILIPE RODRIGUES)

Guardado está o bocado...

Assim mesmo: O Sporting ganhou o desafio que poderia estar perdido; e perdeu alguns que talvez ganhasse, com alguma sorte por si...

Este desafio, em Götborg, a segunda cidade sueca, contra uma selecção local, deixou-nos essa ideia. A vitória de 3-2, tornou-se por isso bonita, honrando o nosso futebol.

Eis como apareceram os tentos:

— A 3 minutos, Vasques deu princípio a uma ofensiva e entregou a bola a Peyroteo; este devolveu-lhe, e o interior leonino disparou à queima-roupa.

— Aos 31, o Götborg empatou por intermédio de S. Andersson, que se isolou decididamente e bateu Azevedo.

— Um minuto mais tarde, o Sporting desempatou, colocando-se em vencedor. Foi Albano o autor do golo, rematado de longe.

Neste meio tempo o jogo desenvolveu-se nos dois meios campos, mas o Sporting não deixou de se revelar tecnicamente superior. Anote-se, porém, o bom trabalho dos suecos, apenas inferiores na altura do remate.

No segundo tempo, os suecos empataram logo de entrada. Toda a defesa do Sporting se quedou ante o movimento envolvente do

extremo-direito e interior-esquerdo adversário. O remate do primeiro foi fatal para Azevedo. Aos 33 minutos, porém, Jesus Correia internou-se sobre uma bola passada por Vasques, e a vitória ficou estabelecida.

O desafio, de um modo geral, não agradou. Duro por vezes. Os assistentes aplaudiram algumas jogadas leoninas, mas o trabalho dos portugueses foi nitidamente inferior, se o compararmos com o dos jogos perdidos.

Em contrapartida, os suecos actuaram com melhor segurança, batendo a nossa defesa com frequência. Azevedo, na baliza — cumpriu; Manuel Marques teve sempre que lutar contra avançados-centro altos; Barrosa continua no bom ritmo, assim como Verissimo, Vasques e Albano; Passos, melhor que no último jogo; Canário, em más condições físicas; Jesus Correia, em nítido retorno de pernas; Peyroteo, fraco.

No conjunto sueco, Rosenquist, Jacobson, interior-esquerdo S. Andersson e o avançado-centro Bengtsson, um homem de 37 anos, forte e ágil — deixaram-nos bem impressionadas.

Bom arbitragem de Erik Andersson.

F. R.



Os campeões nacionais ganharam por 3-2 em Götborg a selecção daquela cidade sueca. Nesta fase, Jesus Correia, remata a baliza o 3.º tento da sua equipa

De Elvas a Castelo Branco



Fazio e Apolo ganharam a frente do «pelotão», mas é o algarvio que bate o italiano ao «sprint» na meta de Castelo Branco



O sol queima! O «pelotão» abranda a marcha na etapa Elvas-Castelo Branco



Atravessa-se a região mais quente entre Elvas e Castelo Branco. Os corredores rendem-se ao calor, pedalando vagarosamente a caminho de Campo Maior

ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atracções
CARMEN DEL MAR e ANITA LUCENA
 Mary-Mely, Hermanas Baron, Lolita Sevilla, Sara Seny e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

ARCADIA com a vocalista norte-americana **DIANA**
THE ROYAL JAZZ com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

Brevemente, estreia de uma grande atracção

Ar condicionado

Temperatura agradável

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

Atletismo

O assunto mais discutido da actualidade é o progresso do atletismo germânico, já anunciado nestas colunas. Como pano de amostra eis as melhores proezas, conseguidas na época corrente:

100 metros: Konrad Wittelkind (10,4 s.); Kremer e Lickes (10,5 s.);
200 metros: Heinz Luther (21,6 s.) e Lickes (21,8 s.);
400 metros: Hupperts (48 s.); Ulzheimer (48,8 s.);
800 metros: Ulzheimer (1 m. 50,8 s.);
1.500 metros: Heinrich Petzet (3 m. 54,6 s.);
5.000 metros: Eitel e Bolzhauser (14 m. 48,2 s.).

Nos saltos e lançamentos os resultados são menos bons. Todavia registem-se: três lançadores de dardo com mais de 61 metros; dois de martelo com mais de 64 metros e um saltador à vara, que passou recentemente 3,92.

◆ Depois de participar num concurso internacional, em Anvers (Bélgica), o conhecido atleta americano Jim Fuehs castigou-se a si mesmo, arremessando o peso de 7,257 kg. a mais de 17 metros, cerca de 30 vezes consecutivas.

A distância alcançada durante o torneio fora de 16,85 metros — sómente!

◆ Gaston Reiff triunfou em Liège (Bélgica) correndo os 3.000 metros do Gran-Prêmio local no tempo de 8 m. 31,8 s.

◆ O velho recorde britânico do lançamento do peso foi agora batido por um jovem de 24 anos, Savidge, que alcançou 14,90 metros, «sem saber ler nem escrever».

◆ Os Campeonatos Internacionais de Inglaterra, corridos no Estádio de White City, decepcionaram pelo grande número de desistências verificadas.

O negro Me Donald Bailey, da ilha Trindade, ganhou as 100 e 200 jardas nos tempos de 9,7 s. e 21,7 s.

As 440 jardas pertenceram a Pugh em 48,5 s. e as 880 a Parlett no bom tempo de 1 m. 53,7 s.

A grande prova foi a milha, conquistada por Nankeville em 4 m. 8,8 s. Morris e Eyre, consideravelmente inexperientes, bateram-se aos arrancos e perderam os primeiros postos, embora Morris ficasse segundo, com 4 m. 11,8 s. e Eyre terceiro, com 4 m. 12,8 s. Finlay disputou a última corrida de barreiras da sua carreira e ganhou as 120 jardas em 14,6 s.

Em altura três saltadores transpuseram 1,93: Paterson, Pavitt e Wells.

No martelo, o húngaro N-mith lançou o instrumento a 55,961.

NOTA DA SEMANA

A última quinzena do mês de Julho costuma ser, todos os anos, temporada ideal dos nadadores de grande fundo, cuja capacidade de resistência ao frio encontra temperaturas propícias para larga permanência no elemento aquático.

Como não podia deixar de suceder, o Canal da Mancha voltou a estar em foco. Uma senhora de nacionalidade holandesa, Mrs. Van Wijssel, de trinta e uma primaveras, lançou-se à água pelas 7 horas e 6 minutos da manhã do dia 26 de Julho, saindo da costa francesa, a quilómetro e meio de distância do Cabo Gris Nez, na intenção inabalável de pôr os pés em terra quando a costa meridional da Inglaterra estivesse a geito.

Apesar dos esforços porfiados da aléctica senhora e do estímulo que outras damas compatriotas certamente lhe terão insuflado — os triunfos da Sr.^a Blankers — Koen, nos Jogos Olímpicos de Londres, trouzeram a esta filha de Eva magníficas retribuições — a Sr.^a Van Wijssel foi levada a desistir, quando só faltavam dois quilómetros e quinhentos metros para celebrar a vitória.

Os romanos disseram: «ad augusta per angustas», isto é, não se atinge os cumes sem jornada arduas difíceis e estreitas. Assim, a supracitada senhora terá de aguardar nova ocasião para dominar todos os obstáculos que o Canal da Mancha prepara aos audaciosos.

Por coincidência de acaso, na mesma data, um italiano que se chama Aldo Fioravanti (este apelido lêr em si um impulso progressivo de certa monia...) nadou 121 quilómetros ao sabor da corrente do rio Tibre, entre a povoação de Orte e a Cidade Eterna.

Alimentou-se, nessas trinta horas de molho voluntário, comendo o tradicional spaghetti e bebendo o capitoso Falerno da mitologia. Não diz a notícia se cantou alguma romanza sentimental, para espaiar a monotonia da viagem, mas resa que Fioravanti, em Agosto corrente, tentará, de sociedade com o campeão Gianni Gambi, passar do Continente europeu às Ilhas Britânicas.

Temei, pois, ó ninhas turbulentas do Pas de Calais! A inviolabilidade do vosso alcácer marítimo está em risco de ser novamente acometida, por arrojados nadadores dos dois sexos.

Fausto Coppi e Gino Bartali, os dois campeões transalpinos que concluíram a Volta à França nos primeiros lugares, regressaram ao seu país tão pobres como de lá vieram.

Claro, isto de probes é pura imagem de retórica, porquanto ambos destruíam de popularidade suficiente para alcançarem pingues retribuições em dinheiro. Referimo-nos, sim, à circunstância de só terem colhido o benefício moral de se mostrarem superiores aos demais concorrentes, pois ambos distribuíram na íntegra, pelos companheiros de turma, as importâncias pecuniárias ganhas na corrida.

Este gesto magnânimo compensou, por exemplo, o sacrifício abnegado de um Sciardis, que a meio da prova ajudou sem reservas o chefe da equipa italiana proporcionando-lhe auxílio oportuníssimo.

Coppi, no dizer quase unânime da imprensa francesa, belga, suíça e italiana é um dos maiores ciclistas de todos os tempos — talvez o mais completo. A média horária geral, conseguida nos 4.813 quilómetros do percurso foi de 32,4^{km} 119, inferior à de Gino Bartali em 1948, que em distância equivalente fez 33,404 — recorde absoluto da prova.

Gino entrou a envelhecer. Como El-Rei D. Sebastião, em Alcácer Kibir, já-lo de vagar. Uma proeza rara o iluminará por largo tempo: a de ter vencido duas vezes o Tour de France, com 10 anos de intervalo entre ambas.

Saudemos, pois, o veterano, para quem soa a hora vespertina do recolhimento, sob os ciprestes romanos e na doce harmonia das fontes cantantes da cidade de S. Pedro.

RAFAEL BARRADAS

Boxe

Semana assaz fraca, tanto na Europa como nos outros continentes. Em Los Angeles, Ike Williams derrotou o mexicano Enrique Bolaños, por K-O técnico ao 4.º assalto, confirmando os direitos ao título de campeão do Mundo de «leves».

O combate foi arbitrado pelo antigo e popular Jack Dempsey, outrora detentor do troféu máximo.

Em Melbourne (Austrália) o peso semi-médio francês, Pierre Langlois, ganhou por pontos ao australiano Billy Gleeson, em 12 assaltos.

Jersey Joe Walcott chegou a Estocolmo (Suécia) e prepara-se para defrontar o campeão escandinávio, Olle Tandberg.

A Inglaterra tem no pugilista Jack Gardner um estreante com aptidões físicas e temperamentais. Oposto ao peso-pesado belga Prosper Beck, em Grimsby, souvou-o tão belamente que o árbitro interveio no 2.º assalto, para livrar o flamengo de apuros.

Celebrou-se em Berlim o campeonato da Alemanha de semi-pesados: Hans Stretz derrotou o detentor, Peter Muller, pondo-o fora de combate ao 2.º assalto.

Juanito Martin confirmou a propriedade do campeonato de Espanha (semi-médios) ao derrotar por K-O técnico, em 7 assaltos, o veterano Teodoro Gonzalez, na cidade de Córdoba.

Num encontro França-Espanha, entre pugilistas amadores, os espanhóis venceram os franceses.

Natação

O jovem e admirável nadador japonês Konoshi Furuhashi, durante as provas do campeonato nacional de natação, efectuado em Tóquio, estabeleceu novo recorde mundial da distância de 400 metros (estilo livre), percorrendo-a em 4 minutos 23,6 segundos.

O máximo anterior, na posse de Alex Jany (França) era de 4 m. 35,2 s.

Dois dias antes, Furuhashi igualara o recorde mundial de 1.500 metros (estilo livre) concluindo a prova em 18 m. 52,2 s.

◆ No estádio náutico de Toulrelles (França), a equipa nacional holandesa derrotou a francesa por 2-0, num encontro de «water-polo».

Na última figurou, pela primeira vez, o conhecido nadador Alex Jany e a sua colaboração foi eficiente.

◆ Em Casablanca, o especialista norte-americano Allan Stack, competindo contra os irmãos Valerey ganhou a corrida de 100 metros (costas) no tempo de 1 m. 6,8 s.

◆ Durante uma festa de pré-selecção para os próximos campeonatos de Espanha, levada a efeito em Las Palmas (Canárias), o nadador Jesus Dominguez bateu amplamente o recorde nacional dos 1.500 (livres) realizando 20 m. 39,6 s.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

O brilhante festival de Mafra

e a vitória do Depósito de Remonta na "Taça Carlos Abrantes"

MAFRA, acaba de nos proporcionar uma bela jornada hípica, daquelas que dificilmente se esquecem, pelo que contém de bom e de curioso; daquelas que sempre se registam com prazer e se acompanham com verdadeiro agrado.

Trata-se da festa final dos Cursos de Mestres de Equitação que teve por cenário, numa tarde amena, o magnífico e aprazível hipódromo do Depósito de Remonta.

Todo o programa, vasto e diverso, nos agradou francamente, desde a vistosa e alegre apresentação da «Escola de poldros» dirigida pelos tenentes Craveiro Lopes e Carvalho Simões até à «Escola de Ensino» conduzida, superiormente, pelo capitão Jean de Saint André e na qual se vinham claramente as faculdades excepcionais do Mestre, as qualidades incontestáveis dos instrutores do D. R. e a aplicação, bem demonstrada, dos alunos do Curso.

Depois da apresentação dos trabalhos do C. M. E. pelo capitão Fernando Pais, montando «Matamás», na qual se evidenciaram os profundos conhecimentos do cavaleiro, um grupo de instrutores apresentou à assistência — uma assistência recorde em Mafra — curiosíssimos trabalhos em «Tandem», arrancando fortes e merecidos aplausos.

Na prova de obstáculos «Direcção da Arma de Cavalaria», disputada pelos alunos do 1.º e 2.º

ano, a vitória — justíssima por sinal — foi conseguida pelo alferes Ferreira Cabral, montando «Basculho» e «Que foi», classificação obtida pela média dos dois percursos.

Seguiu-se a prova «Estafetas e Parelhas» ganha pela equipa constituída pelos alferes Cabral, Albuquerque e Neto Almeida, montando respectivamente «Basculho», «Benguela» e «Lanzudo», prova que, por demasiado complicada, não deu o efeito que se pretendia.

O programa fechou com «chave de ouro» — a «Escola de Ensino» a que já nos referimos. Não será demais afirmar que ao som da «Cavalaria Ligeira» de Suppé, Saint André, Rhodes Sérgio, Pereira de Almeida, Craveiro Lopes e os seis alunos do Curso, conquistaram por completo a assistência.

O capitão Saint André «cuyer du cadre noir» da Escola de Saumur, que desde 1947 se encontra prestando relevantes serviços em Mafra, conquistou os mais fortes aplausos, e bem os mereceu.

Deixamos propositadamente para o fim o 2.º número do programa — o encontro de «Indoor-Polo» por duas equipas do Depósito de Remonta. A assistência acompanhou as movimentadíssimas fases do jogo sem esconder o seu entusiasmo sempre crescente. Que grande espectáculo para Lisboa!

Por que não tentam os regimentos de Cavalaria formar as suas equipas de «Indoor-Polo»?

Que curioso seria um campeonato em forma, onde cada equipa venceria as suas possibilidades.

O caso não nos parece transcendente, agora que dispomos de numeroso grupo de cavalos.

Será uma questão de boa vontade e de persistência e parecer-nos de tentar.

Uma equipa do Depósito de Remonta, formada pelo capitão Barento, no «Raso», capitão Sérgio, na «Flama» e tenente Pereira de Almeida, no «Abrunho», ganhou pela segunda vez a «Taça Carlos Abrantes». Foram também para esta unidade de cavalaria, três das quatro taças relativas aos melho-



A equipa vencedora da «Taça Carlos Abrantes»

res percursos — Pereira de Almeida no «Abrunho» foi o vencedor individual.

No ano anterior a vitória pertencera ao Colégio Militar (por equipas) e ao capitão Reimão Nogueira no «Congo».

ANTAS TEIXEIRA

GREGÓRIO

(Continuação da pág. 10)

jogado a interior-esquerdo, na segunda parte, em virtude de António Marques (hoje no Sporting de Braga) se ter magoado minutos antes do intervalo. O seu lugar de médio-centro foi ocupado por Gomes. Dos 12 golos marcados pelos lisboetas cinco saíram dos pés do «atlético» que se creditou de uma bellissima exhibição quer a «passar» quer a dar largas ao seu «capricho» de atirar à baliza.

Na equipa A, foi seleccionado contra o Porto e Aveiro, jogando a médio-centro. Em ambos os desafios satisfez plenamente.

Enfileira ao lado do que constituem a horte aguerrida dos pro-fissionalismo, na bola. Entende que a situação actual não é de manter-se, porque o falso amorismo com os inconvenientes que todos nós conhecemos não consente o aperfeiçoamento técnico do atleta, que o mesmo é dizer, não permite a subida técnica do desporto-rei, impedindo-o de se colocar em pé de igualdade com o praticado nos outros países.

Vêm depois as lamentações, as críticas mordazes e irónicas, quando após uma pugna internacional, o desaire das cores lusitadas foi um facto!

Esqueceram os comentadores nessa altura que o atleta português treina de fuga porque tem deversos a cumprir com a entidade patronal... que não é o seu clube; que muitas e muitas vezes se vê forçado a trabalhar de noite em regime suplementar... Mas o esforço físico e as condições de vida são esquecidas... perante a realidade confrangedora do resultado de um embate... desigual, quanto a preparação e técnica. Basta porém, para que não se

alargue um assunto já velho no tema... mas sempre novo e actual na apreciação que lhe é devida.

Gregório Gonçalves dos Santos, tem, presentemente, 32 anos. Treina o Grupo Desportivo «Os Ferroviários» do Entroncamento, com a maior solicitude e carinho, ensinando aos seus pupilos tudo o que a experiência lhe ensinou.

A sua festa de homenagem, realizada no dia 10 de Junho passado, esteve longe de atingir o brilho e esplendor que eram devidas a este verdadeiro «az» da bola. Recordação amarga que ficará a perdurar no coração sensitivo deste excelente carácter.

— Porque abandonou a bola? — perguntámos.

— Para dar lugar aos novos, — respondeu-nos, com um sorriso irónico onde se adivinhava laivos de tristeza.

Depois, disse-nos ainda: — Não estou acabado, nem coisa que se pareça. Continu-o a fazer a minha preparação como até aqui... para não perder a forma...

«As botas, embora arrumadas, são volta e meia ensebadas... por causa do muito calor...»

Frases com reticências... pensamentos ocultos talvez...

Apresentamos a traços largos um belo jogador, que se distinguia pelo seu denodo, valor firme e positivo e brilhante espírito de sacrifício.

Pode servir de exemplo para os novos, legitimamente ansiosos de se alçardarem às posições mais proeminentes.

Felicidades, Gregório!

O Benfica regressou da Madeira

(Continuação da pág. 7)

Assim, além das recepções que nas sedes daqueles clubes lhes foram prestadas, e durante as quais foram obsequiadas com dois opiparos «Madeira de honra» que serviram de pretexto para ser afirmado o culto da amizade que os madeirenses votam ao Benfica, realizaram-se dois magníficos passeios através da Ilha, que permitiram aos componentes da caravana lisboeta inundarem os olhos das belezas da Madeira e viverem horas de sonho e de encantamento.

João da Cruz

Regressou à metrópole o antigo extremo-esquerdo da selecção nacional, João da Cruz, que nos apresentou cumprimentos e afirmou estar na disposição de se dedicar ao mister de treinador de futebol.

No restaurante do Terreiro da Luta e na Casa de Chá do Ribeiro Frio, pitorescos locais em idílica região luxuriante de verdura e flores, foram servidos, também, dois esplêndidos almoços, e cimentaram-se amizades.

Graças aos dirigentes do Marítimo e do Nacional, ficaram os lisboetas a conhecer os melhores panoramas da Ilha da Madeira — Portela, Santo da Serra, Encumeada de S. Vicente, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Camacha, Pico dos Barcelos, Promontório Girão, etc., etc., — e foi-lhes dado viver um filme maravilhoso, cujo desdobinar jamais os cansou.

Podem os funchalenses ficar orgulhosos de terem feito viver aos seus hóspedes alguns dos melhores momentos da vida desportiva, e pode o desporto vangloriar-se de ter contribuído, mais uma vez, para que da sua prática tenha resultado algo de proveitoso.

ROSA DE MATOS

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

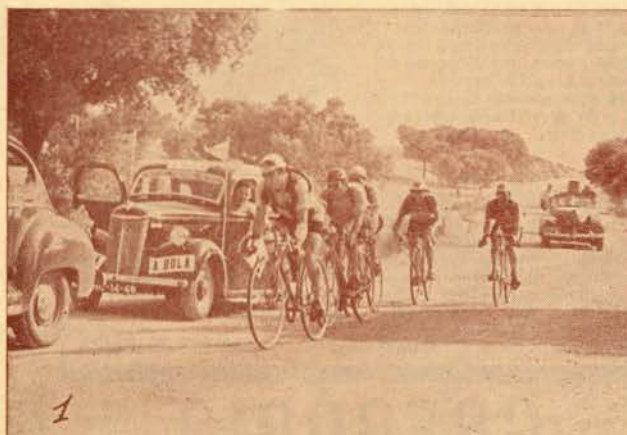
Rua Eduardo Coslho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

A XIV VOLTA A PORTUGAL

A «camisola amarela» pela segunda vez na posse de Dias Santos—Moreira de Sá, primeiro em Evora—O «sprint» de Fernando Moreira em Elvas — Pelas estradas do Alentejo



1—Na etapa Enora-Elvas a cabeça do pelotão, ao atingir Vimieiro, era formada por Fernando Moreira, Dias Santos, Lambertini, José Martins e Santos Gonçalves. 2—Moreira de Sá corta a meta em Evora. 3—A caminho de Evora o pelotão que seguia os fugitivos. 4—Fernando Moreira, num belo «sprint» é o primeiro em Elvas, logo seguido de Dias Santos e José Martins. 5—Dias Santos veste a «camisola amarela» pela segunda vez. Está radiante! 6—Fernando Moreira, Lambertini e José Martins ao atingirem Estremoz. 7—Em pleno Alentejo o pelotão ataca uma subida.